

A poesia de María Victoria Atencia

José Bento

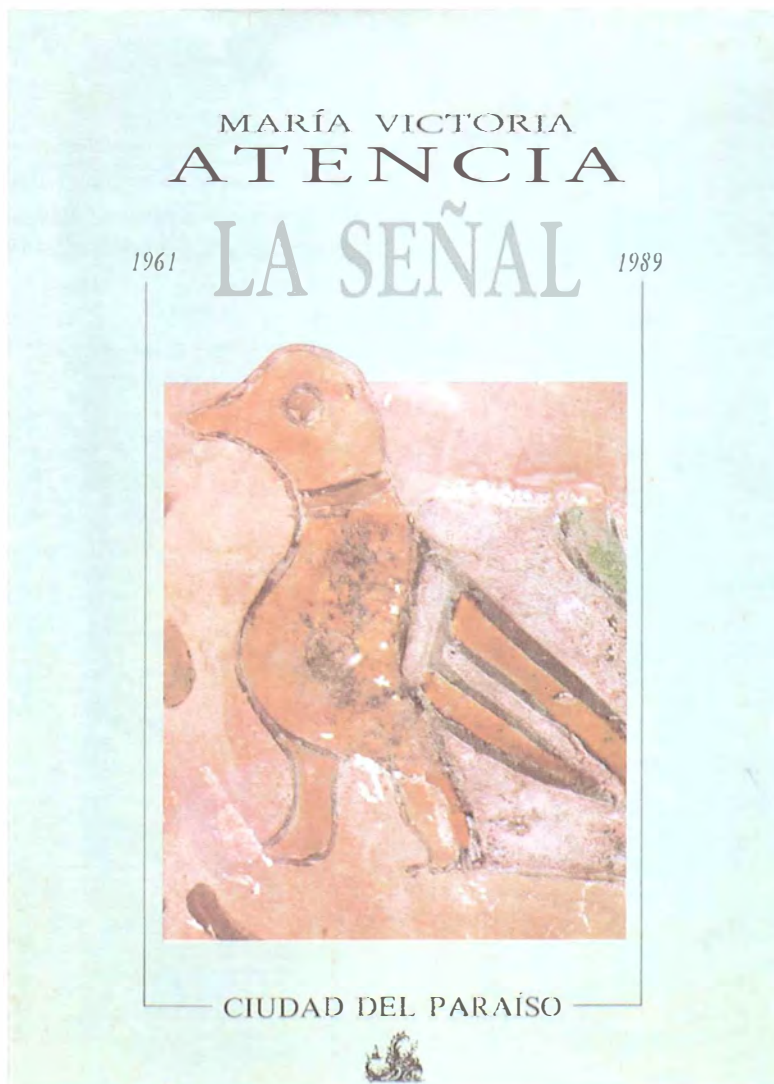
MARÍA VICTORIA ATENCIA NASCEU EM 1931 EM Málaga, cidade onde sempre tem residido e em cujo Conservatório de Música estudou.

A publicação da sua poesia inicia-se com *Tierra Mojada* (1953) e prossegue com *Arte y Parte* e *Cañada de los ingleses* (ambos de 1961). Nesta época colaborou com assiduidade na revista malaguenha de poesia *Caracola*.

Depois de *Canada de los ingleses* María Victoria Atencia nada publicou até 1976, ano em que são editados os livros *Marta & María* e *Los sueños*. Desde então a sua obra poética tem aumentado com a publicação dos livros que adiante se indicam, cujo conteúdo foi por vezes antecipado em *plaquettes* de excelente aspecto gráfico, devido quase sempre ao requintado gosto e saber de seu marido, Rafael León, poeta também e grande conhecedor da



A poesia de María Vitoria Atencia é um conjunto magnífico em que estão presentes a sua cidade e o mar que a banha.



La Señal, de 1990, é uma recolha de quase toda a sua obra poética.

história e dos problemas da feitura do papel de impressão.

A poesia de María Victoria Atencia (quase toda em poemas curtos, com predomínio do alexandrino, sem que esta medida implique um forçoso rigor, mas antes cadência, amplitude e contenção), é um conjunto magnífico em que estão presentes, a sua cidade e o mar que a

banha, sem o menor acento de tipicismo mas como vivência passada e presente; o mundo ainda poderoso e fascinante da infância, dos seus lugares e deslumbramentos; a pintura, a escultura, a música, a arquitectura, os lugares, que foram também revelações e experiências; o quotidiano e os sofrimentos, júbilos e plenitudes que estão para lá das horas de cada dia; as vozes perscrutadas nos outros mas que nos seus versos adquirem palavras próprias (uma amiga morta, um velho jardineiro, a mãe de Heitor — este uma personagem da *Iliada*, primogénito de Príamo, rei de Tróia —, Nossa Senhora, Clara Shumann). No seu todo é uma voz que se personaliza e despersonaliza, assumindo a densidade do irremediável e da plenitude, a claridade e o mistério, a clarividência do sonho.

Escreveu María Victoria Atencia: «*A minha poesia, e quero dizer com isto o meu cerco ao acampamento e o seu assédio ao meu (esse assédio que costuma conhecer-se como “inspiração”, termo que há-de reinstaurar-se), parte sempre de um facto biográfico ou de um facto cultural, mas acolhido biograficamente e do qual não seja precisa outra referência. Quero dizer que a minha poesia parte sempre de uma vivência própria ou assumida e com a qual me identifico ou a qual recuso. Mas essa aceitação ou essa repulsa, que na sua redacção podem antecipar-se até ao título do poema, carecem de valor. Porque o que importa é o modo de execução, não o seu desenlace; não o grau de aceitação, de negação ou de perplexidade perante o facto vivido ou assumido. Acreditei sempre que tudo isso a que chamo desenlace é uma mutilação — circunstancial, ocasional, conjuntural — das infinitas possibilidades de um sonho. [...] Não há nada oculto ou fechado numa poesia que me mostra expoliada, despojada, transparente diante de uma ilusão alcançada ou a melancolia dasua perda transitória; porque somente nua se aguarda o amor. E se falei de uma chave não é para encerrar; mas para esperar dela que me abra a porta que proíbe esse encontro».*

POEMAS

MAR

*Bajo mi cama estáis, conchas, algas, arenas:
comienza vuestro frío donde acaban mis sábanas.
Rozaría una jábega con descolgar los brazos
y su red tendería al palo de mesana
de este lecho flotante entre ataúd y tina.
Cuando cierro los ojos se me cubren de escamas.*

*Quando cierro los ojos, el viento del Estrecho
pone olor de Guinea en la ropa mojada,
pone sal en un cesto de flores y racimos
de uvas verdes y negras encima de mi almohada,
pone henchido el insomnio, y en un larguero entonces
me siento con mi sueño a ver pasar el agua.*

(Marta & María)

CASA DE CHURRIANA

*Estoy viendo la casa y me estoy viendo en ella:
aunque confusamente, las puertas al cerrarse
hacen caer mis párpados, y sus noches de invierno
sólo son mis pies fríos, y es carne de mi carne
o yo soy piedra de ella, y ella es como una cáscara
pequeña en mi bolsillo, y yo como un estuche
ya vacío de té en su vientre de barco.*

*Pero es mi propia casa, o lo casa que tuve,
donde escoger manzanas que endulzaran mi boca
y andar con mi muñeca rota por los pasillos
hasta el armario antiguo con hojas catedrales
que guardaba el estiércol para otras sementeras.*

(Los sueños)

MAR

*Estais sob minha cama, conchas, algas, areias:
começa vosso frio onde meus lençóis acabam.
Roçaria uma xávega, se eu os braços baixasse
e sua rede iria estender na mezena
desta cama flutuante entre ataúde e tina.
Quando fecho meus olhos revestem-se de escamas.*

*Quando fecho meus olhos, o vento do Estreito
põe cheiro da Guiné nas roupas encharcadas,
põe sal num cesto de flores e de cachos
de uvas verdes e negras na minha travesseira,
faz encher a insónia, e então num travesseiro
sento-me com meu sonho a ver passar a água.*

(Marta e María)

CASA DE CHURRIANA

*Estou a ver a casa e estou a ver-me nela:
confusamente embora, as portas ao fechar-se
fazem cair-me as pálpebras, suas noites de inverno
são meus pés frios só, é carne desta carne
ou eu sou pedra sua e ela é como casca
diminuta em meu bolso e eu como uma caixa
já vazia de chá em seu ventre de barco.*

*Mas é a minha casa, ou a casa que eu tive,
onde escolher maçãs para adoçar-me a boca
e andar pelos corredores com a boneca partida
até ao armário antigo com portas catedrais
que guardava o estrume para outras sementeiras.*

(Los sueños)

NOITE ESCURA

*Quem amontoa a noite sob o embuço volta
a negar-me para hóspede de seu amor cotidiano,
e a palavra — o ténue sussurro do alento,
quase sem significado — com a calhandra primeira
tece a trama tão frágil da desesperança:
contra si se debate o que combate a sós.*

*O amante mais difícil, que até à alva persigo:
em teu vazio encontra sua feitura meu poema.*

(Compás binario)

NOVEMBRO

A Juan Bernier

*Oiço ranger tuas folhas e volto a estremecer,
memória de novembro com a fruta nos lábios,
pervertido jardim que antes calquei, descalça,
e no qual, de joelhos, levei a frente ao chão.*

*Tenho a leve lembrança de um soluço e meu nome,
e fielmente a do caroço, áspero, cativo.*

(De la llama en que arde)

VIAGEM

*Não sabemos sequer o que somos, mas isso
conduz-nos: continuam a andar nossos comboios.
Passa outra composição pelo carril oposto
e não há nem um adeus, fingindo-nos os mesmos;
os mesmos, e seguindo, sabendo sem surpresa
nem memória. Outra vez a estação e outra vez a sineta.
Volta a arrancar a tarde e mascarra-nos seu fumo.*

(La pared contigua)

NOCHE OSCURA

*Quien apiña la noche bajo el embozo, vuelve
a negarme por huésped de su amor cotidiano,
y la palabra — el tenue susurro del aliento,
que apenas significa — con la alondra primera
teje la frágil trama de la desesperanza:
contra sí se debate el que combate a solas.*

*Amante el más difícil, que hasta el alba persigo:
en tu vacío encuentra mi poema su hechura.*

(Compás binario)

NOVIEMBRE

A Juan Bernier

*Oigo crujir tus hojas y vuelvo a estremecerme,
memoria de noviembre con la fruta en los labios,
pervertido jardín que hollé una vez, descalza,
y en el que, de rodillas, llevé mi frente al suelo.*

*Tengo el leve recuerdo de un sollozo y mi nombre,
y fielmente el del huesco, áspero, cautivo.*

(De la llama en qua arde)

VIAJE

*No sabemos siquiera lo que somos, pero eso
nos conduce: prosiguen nuestros trenes en marcha.
Cruza un convoy por el carril opuesto
y no hay adiós alguno, fingiéndonos los mismos;
los mismos, pero yendo, sabiendo sin sorpresa
ni memoria. Otra vez la estación y otra vez la campana.
Vuelve a arrancar la tarde y nos tizna su humo.*

(La pared contigua)

CLARA SCHUMANN, A BRAHMS

*Cuántos inviernos estuvieron distanciándonos:
leña apilada y cosas por decir se consumen;
los inviernos también, tras de su acopio de intenciones.
Pero lo nunca usado, ¿puede deteriorarse?, ¿lo nunca poseído?
Un estrado donde escuchar palabras, leer, sentir tu música
que iba justificando tan larga espera inútil
— bien lo sé — en este trance diáfano y tan frágil
en el que, si alguien viese que mis labios se mueven,
pensaría que encomiendo mi alma, no que digo tu nombre.*

(La intrusa)

CEMENTERIO DE PRAGA

*Quando intentaba huir lo seguía la muerte,
y él, a su vez, seguía el rastro de una estrella
que denunciaba nombres. Se llegó hasta las verjas
y pisó unos umbrales creyendo que salvaba
del aguijón un salmo penitencial y propio,
y los hierros le entraron entre el dedo y la uña.*

(El puente)

EL MIRLO

*Los silencios,
las tiernas medias voces compartidas,
a la extendida noche extenuada regresan
como a su sitio propio,
aunque la historia aquella esté dada al olvido.*

*Alma mía, que en vanos
tientos te vuelves a debatir, regresa
tu también a los días superpuestos.
En la araucaria, el canto de un mirlo me sostuvo
hasta rayar el alba.*

(Las contemplaciones)

CLARA SCHUMANN, A BRAHMS

*Quantos invernos estiveram a afastar-nos:
lenha empilhada e coisas por dizer consomem-se;
os invernos também, após seu amontoar de intenções.
Mas o que nunca se usou, — pode estragar-se?, o nunca possuído
Um estrado onde escutar palavras, ler, sentir tua música
que ia justificando tão longa espera inútil
— sei-o bem — neste transe diáfano e tão frágil
no qual, se alguém visse meus lábios a mover-se,
pensaria que encomendo minha alma, não que digo teu nome.*

(La intrusa)

CEMITÉRIO DE PRAGA

*Quando tentava fugir seguia-o a morte,
e ele, por sua vez, seguia o rastro de uma estrela
que denunciava nomes. Foi até às grades
e pisou uns limiares, supondo que salvava
do aguilhão um salmo penitencial e próprio,
e os faróis penetraram-lhe entre o dedo e a unha.*

(El puente)

O MELRO

*Os silêncios,
as frágeis meias vozes partilhadas,
à extensa noite extenuada voltam
como ao seu lugar próprio,
embora aquela história esteja entregue ao esquecimento.*

*Alma minha, que em vão
tenteios te debates de novo, regressa
tu também aos dias sobrepostos.
Na araucária, o canto de um melro me manteve
até raiar a alvorada.*

(Las contemplaciones)

«A minha poesia... parte sempre de um facto biográfico ou de um facto cultural mas acolhido biograficamente...».

Retrato de Jesús M. Labrador.



Livros

Terra mojada, 1953; *Arte y Parte*, 1961; *Cañada de los ingleses*, 1961; *Marta & María*, 1976; *Los sueños*, 1976; *El mundo de M. V.*, 1978; *El coleccionista*, 1979; *Ex libris*, 1984; (é uma colectânea da obra publicada, recolhendo os livros editados a partir de 1976 e seleccionando poemas a publicar depois e primeiros poemas); *Compás biná-*

Número da revista *Litoral*, de Málaga, inteiramente dedicado à poetisa.

rio, 1984; *Paulina o el libro de las aguas*, 1984; *Trances de Nuestra Señora*, 1986 (esta edição, com palavras da grande Maria Zambrano, tem 14 poemas; a última, de 1997, é formada por 37 poemas); *De la llama que arde*, 1988; *La pared contigua*, 1989; *La señal*, 1990 (é uma recolha de quase toda a obra poética, organizada por Rafael León, com prólogo de Clara Janés); *La intrusa*, 1992; *El puente*, 1992; *Las contemplaciones*, 1997; O número da revista *Litoral*, de Málaga, que é inteiramente dedicado a María Victoria Atencia, inclui um livro inédito, *A orillas del Ems*.

Uma excelente introdução ao conhecimento da poesia de María Victoria Atencia é a *Antología Poética*, feita por José Luis García Martín (Editorial Castalis, Madrid, 1990).

Tradução dos poemas de José Bento.

